

# GLÓRIA DO EPISCOPADO (\*)

MOZART SORIANO ADERALDO

Mostra-nos a História, Senhores, esta Mestra da Vida, nem sempre com bastante energia para inspirar os pró-homens e informar as grandes decisões, que as vitórias da Igreja sôbre a fôrça oposta pelo Império Romano, sôbre a agressividade dos povos bárbaros, sôbre os excessos dos soberanos ocidentais, sôbre o relaxamento moral de seus próprios seguidores, sôbre os erros dos herejes e sôbre a incredulidade revolucionária — tôda esta sucessão de acontecimentos, que constitui a evolução mesma da humanidade depois de Cristo, mal disfarça a assistência divina a uma instituição que, a despeito da imperfeição de tudo e da fragilidade de todos, foi fundada para guiar, santificar e ensinar os homens, na qualidade de mãe e mestra — “mater et magistra” — de tôdas as nações nos diversos tempos.

Deixam-se mesmo, lamentavelmente, impregnar de uma espécie de pirronismo aquêles católicos que desesperam, vendo a Igreja sofrer, nas várias fases da História, e em diversos lugares, na pessoa de seus ministros e fiéis, o acicate da incompreensão e até da morte, que o Apóstolo dos Gentios ousou assim desafiar — “Onde está tua vitória, onde está teu aguilhão?” Esquecem-se de que o organismo visado pela impieda-

---

(\*) Discurso proferido por ocasião do jubileu sacerdotal de D. Antônio de Almeida Lustosa, Arcebispo de Fortaleza.

de e pelo ódio destruidor, à semelhança da Fênix lendária, renasce das próprias cinzas e assiste o desaparecimento de seus perseguidores, no sorvedouro dos séculos.

A êsse respeito, não seria demais lembrar, neste ensejo, em que homenageamos um Príncipe da Igreja Universal, a sentença evangélica, que vale para tôdas as épocas, de que tuda passa nesta vida — “coelum et terra transibunt” — Na voragem do tempo — muito embora nada passe para Deus — “verba autem mea non transibunt”. Na voragem do tempo — dissemos em outra oportunidade — nada fica, à exceção de Cristo e sua Igreja, verdade que levou São Paulo a nos aconselhar a que usemos dêste mundo como se dêle não usássemos, porque — conclui sàbiamente o Apóstolo dos Gentios — “ a figura dêste mundo passa” . . .

Não admira, pois, que sofrimentos venham vez por outra, lembrar aos cristãos a marca mesma de sua fé. . . Mas, de par com estas purificações necessárias com que Deus nos brinda, em vista de nossa natural tendência ao amolecimento e à disponibilidade espiritual, é bom e até imprescindível que horas de alegria assinalem igualmente nossa vida de filhos de Deus, de soldados de Cristo e de membros da Igreja, que não ousamos destrincar os desígnios da Providência, mas confiamos e cremos em sua atuação no destino dos povos e na missão que nos traça, a cada um de nós em particular.

É por isso e encorajados ainda por aquela passagem evangélica em que Jesus Cristo nos induz a comemorar festivamente as datas queridas quando abençoou as bôdas de Caná e falou da alegria que sucede às dores do parto, que hoje nos reunimos em tórno do pastor diocesano, no cinqüentenário de sua ordenação presbiteral.

O báculo é a imagem da autoridade pastoral de um bispo, a mitra representa o elmo com que se há de armar para o bom combate e o anel é o símbolo de sua mística união com a parcela da Igreja Católica que lhe foi destinada pelo Espírito Santo. Porém, não esqueçamos que, ao receber as mais excel-sas homenagens jamais prestadas a um homem sôbre a terra, o Papa recém-autorizado é caridosamente advertido de que,

semelhantemente à fuligem que se esvai de pequena porção de palha queimada, assim se exaure a glória efêmera que o mundo nos dá — “sic transit gloria mundi”... Do mesmo modo, no ato de sagração, um bispo recebe, de par com aquêles três nobres símbolos, a discreta advertência do sofrimento que o aguarda, através do sinal externo de uma cruz peitoral que, sendo por vêzes de ouro e ornada de pedras preciosas, não disfarça de todo a agudeza da dor a suportar anos afora.

“É grande coisa — diz o Pe. Vidieu — expulsar os demônios e participar da própria autoridade de Deus sôbre seus inimigos, como os exorcistas; é grande coisa esclarecer os infiéis e ser a luz do mundo, como os acólitos; mais ainda é perdoar pecados, santificar os povos, oferecer, benzer, sacrificar um Deus a Deus, como os padres”... .

Essa glória imarcescível do presbiterato levou eminente bispo brasileiro a confessar em Carta Pastoral, escrita após atingir as culminâncias do episcopado, que “nada mais desejava além daquilo que fôra seu desejo único — ser padre! E só. E cada vez mais padre. Estava plenamente realizado no desempenho de seu ministério presbiteral. Estava tão preocupado com a grandeza e sublimidade dêle, quanto, de todo, des preocupado das ascensões. Bastava-lhe a glória de ser padre. E já era bastante o martírio dessa glória!...” Foram estas suas palavras naquela fase inesquecível de uma vida admiravelmente apostólica, como a de Dom Mário Vilas Boas.

Teriam sido estas as palavras que o então Pe. Antônio Lustosa, mineiro de São João Del Rei, ordenado em 1912, não escreveu nem divulgou, pelo feitio mesmo de sua personalidade, mas certamente pensou diante de Deus, ao ser investido, em 1924, na plenitude do sacramento da ordem, que o mesmo Pe. Vidieu assim descreve, prossequindo na seqüência interrompida de seu raciocínio: — “mas o episcopado encerra eminentemente e excede tôdas essas coisas. Ele é chamado pelos Santos Padres a culminância do sacerdócio, a glória da honra suprema, o sumo grau da Igreja, a imitação de Jesus Cristo, e o fim e têrmo de todos os hierarcas, como Jesus é o fim de tôda a hierarquia.”

Assim, neste misto de Tabor e Calvário que é o exercício do ministério episcopal, peregrinou Dom Antônio Lustosa por várias dioceses brasileiras, desde a de Uberaba, que geriu de 1925 a 1928, ano em que foi transferido para Corumbá, ali ficando até 1931, quando mereceu o pálio arquiépiscopal de Belém do Pará. Demorar-se-ia na capital paraense dez anos, tendo a saúde comprometida pelas cansativas viagens realizadas por todo o doentio território de sua vasta diocese. São dessa época as notas que escreveu “À margem da Visita Pastoral”, as quais, a par de uma forma simples de dizer as coisas, que viria a ser a característica mesma de seu estilo pessoal, revelaram suas excelsas qualidades de observador da exuberante natureza amazônica. É trabalho de real valor científico e literário, onde encontramos notas de caráter sociológico, de cunho folclórico, de ordem geográfica e de natureza botânica.

Não ficou aí sua atividade polimórfa. No domínio da religiosidade, publicou “Meu livro inseparável” e “Solilóquios Infantis”, enquanto brindou as letras históricas com uma excelente biografia de Dom Antônio de Macedo Costa, seu inesquecível antecessor no sólio arquiépiscopal de Belém.

“É um trabalho de fôlego, documentado e sólido, — quase seiscentas páginas dedicadas à memória do preclaro vulto do Episcopado Nacional, que, pela intrepidez, pelo talento e pelo saber, tão alto fêz subir a honra do Brasil” — no depoimento de Andrade Furtado.

Para Fortaleza veio Dom Antônio Lustosa, ainda Arcebispo de Belém, gozar de rápida estada, a fim de refazer-se das canceiras de tão árduas apostolicidade no interior paraense, despercebido de que seria esta, dentro em breve, a messe em que haveria de trabalhar, aqui merecendo, afinal, a mais excelsa honra a que poderia aspirar um intelectual entre nós — uma cadeira efetiva no tradicional Instituto do Ceará, a Casa do Barão de Studart.

Foi então que passou a conhecer e a admirar o “povo missionário”, alcunha com que nos crismou em sua “Carta

Pastoral de Saudação ao Povo Cearense”, quando para cá se transferiu, definitivamente, em 1941.

E foi aqui, no seu ininterrupto apostolado sacerdotal de mais de vinte anos, que produziu a maior parte de sua obra literária, quer a de cunho eminentemente religioso, como a coletânea “Abraçando a Cruz” e os dois volumes de “Respingando”, ao lado de suas cartas pastorais sôbre problemas de seu ministério episcopal, quer as despreziosas mas ricas observações de natureza geográfica, folclórica, sociológica e botânica, que são, por assim dizer, o seu encantamento, escritas à margem de suas visitas pastorais ao interior da diocese, como “Notas a Lápis”, um livro que muito lembra as valiosas “Notas de Viagem” de Antônio Bezerra. Vale ainda ressaltar a “Carta Pastoral Sôbre a Sêca de 1942”, preciosa em informes e observações, a ponto de os altos podêres do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, tão avaros em elogios e cuidadosos em homenagens, solicitarem licença para transcrevê-la em sua conceituada revista, convictos de que, com essa providência, prestariam relevante serviço à antropologia regional.

É dessa obra, fruto da caridade, vale dizer — do amor para com uma população que também soube admirá-lo, a frase sua que assim nos enaltece: — “Um povo que se criou nas provações, que muitas vêzes enfrentou a luta pela vida, totalmente desaparelhado, êsse povo é capaz de heroísmos que pratica, de fato com a maior simplicidade” . . .

É dessa estirpe intelectual e moral o homem por Deus destinado a ser o quarto Chefe da Igreja Cearense e o segundo Arcebispo de Fortaleza, sucedendo três outros eminentes vultos da história eclesiástica brasileira.

O primeiro, Dom Luís Antônio dos Santos, aqui chegado em 1861, fluminense de Angra dos Reis, ex-professor do Seminário de Caraça — valendo êsse título por uma recomendação — e antigo Reitor do Seminário e Cônego do Cabido de Mariana, com láurea conquistada em Roma, foi o *desbravador* do terreno onde iriam vicejar tantas vocações, ricas de virtude e ciência eclesiástica. Fundou o tradicional Seminário da

Prainha e reservou para si próprio a regência do estabelecimento em cujo mister tinha larga experiência, entregando-o depois à dedicação dos padres lazaristas.

Providência semelhante adotou em Crato, quando de uma visita pastoral àqueles confins de sua diocese. E foi tão abençoada essa sua obra que, no término de seu governo, havia ordenado 197 sacerdotes e autorizado a ordenação de mais 5. E, deixando edificante exemplo aos seus virtuosos sucessores, desvelou-se no serviço de amparo ao povo flagelado pela crise climática dos anos de 1877, 1878 e 1879, erigindo, a título de voto, a antiga e formosa igreja do Coração de Jesus, hoje desaparecida.

Transferido para a cátedra da Bahia, então a mais eminente do país por ter sido a primeira criada em nossa pátria, mereceu então, de D. Pedro II, o título de Marquês do Monte Pascoal.

Seu sucessor foi Dom Joaquim José Vieira, paulista de Itapetininga, ex-vigário de Campinas, onde terminaria seus dias e se acha sepultado. Dizem dêle que, recebendo a visita do Imperador, ousou quebrar o protocolo e não oscular a mão do ilustre monarca, alegando que não beijava a dextra de quem encarcerara bispos! Alma grande, generosa como a do humilde mas ousado padre, Pedro II, longe de agastar-se, indigitou-o à cátedra do Ceará, escolha essa que o Papa de bom grado ratificou.

Dom Joaquim governou a diocese por quase vinte e nove anos, de 1883 a 1912. E foi o *consolidador* do espírito religioso de nosso povo, enfrentando graves crises que a sua prudência e energia souberam galhardamente vencer, para maior glória da Igreja neste recanto da pátria. Suas vistas voltaram-se nesse trabalho de consolidação religiosa, para os colégios que fundou ou ajudou a fundar. Em seu longo governo ordenou 111 sacerdotes e autorizou a ordenação de mais 7. Sua saúde, porém, exigiu-lhe a renúncia da cátedra que tanto dignificou sendo sucedido por Dom Manuel da Silva Gomes, nascido na capital baiana, antigo professor do seminário de sua terra e cônego do cabido metropolitano de Salvador. Sagrado

bispo e vindo para Fortaleza na qualidade de Auxiliar de Dom Joaquim, dêste recebeu, em virtude de renúncia, o governo da diocese. À sua frente esteve até 1941, manifestando-se um grande administrador e um desvelado pai espiritual, possuidor que era de visão realista dos problemas sociais da época, o que o levou a fundar um jornal diário, a organizar o primeiro círculo operário do país, a instalar uma cooperativa para amparo dos pobres em horas de aperturas financeiras e a peregrinar pelo sul em busca de esmolas para os flagelados da seca de 1915. Foi, ainda, em seu período que a Diocese do Ceará se desmembrou em uma Arquidiocese — a de Fortaleza — e em duas dioceses sufragâneas — as de Sobral e Crato — e depois em mais outra — a de Limoeiro do Norte. Foi êle, portanto, o *dilatador*, o *multiplicador* de benesses, desconhecendo-se terreno que não haja percorrido para alcançar a felicidade de seu povo, não só relativamente aos valores espirituais e religiosos, como também aos sociais em geral.

Convicto de que não podia mais, velho e doente, trabalhar com a intensidade que o seu zêlo apostólico lhe exigia e que as forças físicas lhe negavam, apresentou sua renúncia à Santa Sé, o que ocorreu em 1941.

Dêses excelsos varões recebeu Dom Antônio Lustosa preciosos talentos, a fim de multiplicá-los, na parábola de Cristo. E os fatos nos mostram que os desenvolveu excelentemente.

No terreno puramente assistencial, o nosso Arcebispo tem sido, na mais rigorosa expressão, um desvelado protetor dos pobres. Bastaria vê-lo, diariamente, distribuindo auxílios à pobreza envergonhada, nas audiências vespertinas que concede em seu chamado palácio, nas quais humildemente serve de introdutor diplomático e, concomitantemente, de entrevistado, para que o mais descrente dos homens se convencesse desta verdade agora proclamada. Seria suficiente, ainda, conhecê-lo como mantenedor de inúmeros postos médicos e dentários, espalhados pelos longínquos bairros proletários da cidade. Seria bastante acompanhar seu devotamento na instituição de um pequeno hospital para tuberculosos desenganados. E lem-

brar a assistência que deu aos flagelados das sêcas ocorridas em seu período de govêrno, especialmente a de 1942. E citar o amparo que fêz chegar às vítimas do arrombamento do açude Orós. E falar da aplicação dos auxílios americanos enviados através da arquidiocese.

Relativamente à sua apostolicidade pròpriamente dita, cuidemos aqui que êle fundou 31 paróquias novas no território arquidiocesano; que possibilitou a vinda para a arquidiocese de mais 4 ordens religiosas masculinas, como os Sacerdotes do Coração de Jesus, os Missionários do Sagrado Coração, os Padres da Sagrada Família de Nazaré e os Padres Redentoristas, as três primeiras já instaladas e a última em vias de estabelecer-se; que favoreceu a vinda para o território arquidiocesano de mais 13 ordens religiosas femininas; que fundou alguns pré-seminários, um em Fortaleza e outros em paróquias do interior, resolvendo assim um problema grave relativo às vocações sacerdotais.

Dom Antônio vem mantendo as obras que D. Manuel deixou, desenvolvendo algumas e fundando outras, como é exemplo eloqüente a Rádio Assunção, que veio ampliar o campo de influência social e cultural da Igreja Católica no Ceará, inaugurando-se no decorrer destas festas jubilares, sob os mais felizes auspícios, bem como a criação da Escola de Serviço Social, pioneira no Estado em seu gênero.

Sua arquidiocese, não obstante achar-se encravada totalmente no polígono das sêcas e ser, em regra, constituída de fiéis de limitada capacidade financeira, é uma das mais prósperas e felizes quanto ao aspecto espiritual e moral do povo. Nela trabalham, além do metropolitano e seu bispo auxiliar, nada menos de 151 sacerdotes, sendo 121 do clero regular, sob a integral dependência do arcebispado, e 30 religiosos, vinculados à obediência que devem a seus superiores. Daqueles, Dom Antônio ordenou cêrca de 70, nos vinte anos de ministério entre nós. Por outro lado, em seu govêrno foi criada a diocese de Iguatu e outras se preparam canonicamente para sua transcendente missão espiritual. No Seminário Arquidiocesano estavam matriculados no último ano letivo 240 candidatos



ao sacerdócio, sendo 200 no chamado Seminário Menor e 40 no Seminário Maior. São 11 as Congregações masculinas que trabalham na arquidiocese, no total de 19 casas, enquanto as femininas sobem a 23, somando 74 casas.

Além do Seminário Arquidiocesano existem em funcionamento nesta circunscrição eclesiástica nada menos de 7 casas de formação religiosa masculina, pertencentes aos Jesuítas, Lazaristas, Capuchinhos, Salvatorianos, Sacramentinos, Franciscanos e Padres do Sagrado Coração. Os 4 noviciados femininos existentes servem às Irmãs de Caridade, Capuchinhas, Missionárias de Jesus Crucificado e Filhas do Coração Imaculado de Maria.

Destarte, são grandes, imensas mesmo as possibilidades da arquidiocese de Fortaleza, com o excelente potencial humano de que dispõe e os numerosos elementos materiais que lhe pertencem.

O pequeno e insignificante núcleo populacional que cresceu, qual desamparada planta, à volta da Fortaleza que foi crismada de Nossa Senhora da Assunção, após a restauração portuguesa, sob o comando de Alvaro de Azevedo Barreto, é hoje árvore frondosa, benemérita pelos muitos frutos que deu e promissora pelos mais que ainda dará. Para multiplicar-lhe a rentabilidade, de si notável, seria mister, talvez, aprimorar esse gigantesco esforço, com os recursos que a Ciência da Administração pode pôr ao nosso alcance, não sendo para desprezar as pesquisas sociológicas já vitoriosas nos centros culturais mais adiantados. E atualizar os líderes católicos na doutrina cristã sobre a questão social, fazendo-os reformular problemas vitais do mundo moderno e solucioná-los à luz de um pensamento atualizado, distinguindo os princípios eternos do cristianismo dos preceitos efêmeros do capitalismo liberal, os quais caracterizam uma civilização que obviamente deu os seus bons frutos mas já os amadureceu excessivamente, hoje em risco de apodrecimento generalizado, no caso de os demais valores não se precatarem contra uma confusão extremamente perigosa, apenas benéfica a uma ordem de coisas que vive os seus estertores, e já morre tarde a bem da justiça e da

caridade. Sim, pois que a descaridade e a injustiça são argumentos de que se servem os bárbaros do século atual, os quais, a trôco da promessa de um prato de lentilhas, nem sempre intentam destruir “a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” — liberdade de crer, liberdade de manifestar o pensamento, liberdade de escolher seus dirigentes, liberdade de educar os filhos, e, finalmente, liberdade de não ter medo. . .

A esta altura, Senhores, seja-nos lícito transcrever, em parte, como coroamento das idéias aqui expendidas, em que procuramos salientar o contraste entre as dignidades do presbiterato e mais ainda do episcopado e o pêso da cruz que os ministros de Deus conduzem, pedindo ainda a vossa atenção para a transitoriedade dos sucessos humanos e a perenidade das conquistas divinas, uma página límpida e comovente que a pena brilhante de Gustavo Corção tracejou acêrca do eterno tema da derrota da Morte em face da Vitória do Espírito. Contaram-lhe que a mãe do aviador Mermoz, desaparecido há anos em certo quadrante do Atlântico Sul, empreendeu viagem à América Latina para visitar o líquido e argênteo túmulo do filho inesquecido. “Foi por aqui” — teria dito a amargurada senhora. “E tirando o velho têrço da sacola de viagem, começou a rezar”, — registra Corção, que assim prossegue: — “Há gente que vem de longe procurar o lugar de repouso do bem amado que morreu em terra estranha. Tomou informações. Gravou um enderêço, um nome de aléia, um número de pedra tumular. E agora vem procurar, entre cruces e flôres, aquêle número e aquela pedra. Vai andando devagar. Debruça-se como quem procura no chão uma jóia perdida. E num certo momento, quando depara com um indicador de alamêda, diz com o coração a bater: é por aqui. Está perto. Ainda um pouco mais, e cai de joelhos no chão. Mas a águia que perdeu seu filho em pleno vôo, também voando, procura-o. Dizia o comunicado que o avião provàvelmente caíra em tantos graus de latitude e longitude. Mas um grau é uma imensa quadra nesse cemitério de esmeralda.” Adiante, insiste o cronista: “Foi por aqui. . . A mãe do aviador, atira de seis mil metros de altura suas ave-marias, a ver se alguma acerta no alvo es-

condido no fundo do mar". E volta o comentarista insigne a tracejar, em pinceladas de mestre, a emoção que envolve um velho coração de mãe: — "Foi por aqui... Ela já não olha para baixo; já não procura esquadrinhar. Não é tão grande assim aquêlo mar. Que importa que tenham cortado com certo exagêro a lápide marchetada de azul e verde? A mãe do aviador tem orações com asas poderosas. Agora não faz questão de acertar, minuciosamente, como pobre mãe de passo curto, ao nível do chão, que num metro de êrro se equivoca de tûmulo. Ela semeia ave-marias. Ela espalha os grãos de seu têrço. Que o vento os leve, e que o mar os esconda, lá no fundo, bem no fundo, junto às pérolas escondidas." E conclui Corção:— "Foi por aqui... A mãe do aviador esticou o têrço, que ficou enorme, com dimensões geográficas. Poder-se-ia marcar no mapa do pilôto cada ave-maria. Cem quilômetros de têrço a seis mil metros de altura. O avião passou. Ficou o mar, ficou o céu, por ali. Vieram então os anjos. E um anjo menor, imóvel no ar, estupefato, pergunta ao seu coruscante companheiro: — Que gigante passou por aqui a semear no fundo do aceano esta carreira de cedros tão alta e tão espaçosa?"

Essa emocionante página, a um só tempo de grande valor literário e de delicada mensagem cristã, faz-nos elevar o pensamento àquela humilde capela de Nossa Senhora da Assunção, que presidiu os primórdios do povoamento da cidade, hoje agigantada nessa Catedral inconclusa, porém majestosa, à altura do progresso espiritual e material do nosso povo.

Que importa tenha sido êste ou aquêlo o responsável pela construção do primeiro presídio desta futura grande capital?! A memória da antiga ermida permanece indelével como o verdadeiro marco espiritual e cultural de nossa metrópole, hoje sede de uma das mais prósperas e bem governadas dioceses brasileiras.

À semelhança do coruscante anjo de que fala o eminente pensador patricio na crônica parcialmente transcrita, bem poderia acontecer que outro anjo indagasse, aos pés do trono de Deus, que gigantes, em terra agreste como a nossa, plantaram

tão extensa floresta de vocações em virtudes e ciência eclesiástica, merecendo a resposta, sublime resposta de que foram iluminadas pela glória imarcescível de quatro vultos imortais de nossa história — Dom Luís Antônio dos Santos, Dom Joaquim José Vieira, Dom Manuel da Silva Gomes e Dom Antônio de Almeida Lustosa, o último dos quais, para felicidade de nossa terra, ainda à frente dos destinos espirituais do povo cearense — “ad multos annos”...